

**A HETERODOXIA COMO MATRIZ TEMÁTICA  
NA CRÔNICA DE AIRTON MONTE (I)**

*Kilpatrick Campelo* (UFPI)  
[kilpatrick@uol.com.br](mailto:kilpatrick@uol.com.br)

**RESUMO**

Este artigo analisa a obra *Moça com Flor na Boca*, de Airton Monte, sob os enfoques linguístico e literário. Do ponto de vista linguístico, empreende-se uma descrição do registro do autor e das características do gênero *crônica*. Do ponto de vista literário, há um enquadramento periodológico assim como uma filiação do autor à tradição literária em geral. Além disso, as características mais salientes, em termos temáticos, são discutidas e analisadas no confronto direto com os textos da obra em apreço.

**Palavras-chave:** heterodoxia; crônica; erocentrismo

**BIOBIBLIOGRAFIA**

Airton Monte nasceu em Fortaleza, em 1949. Nasceu de um parto problemático, laçado que estava. Filho de Airton Teixeira Monte e Valdeci Machado Monte. Médico psiquiatra, formado pela Universidade Federal do Ceará, cronista do jornal *O Povo*, radialista, redator de programas de televisão, letrista, teatrólogo<sup>1</sup>. Em relação às suas inúmeras atividades, centra seu interesse maior em sua atividade artística, fundamentalmente, na produção de poemas e contos. Trata-se de um polímata polígrafo. Inaugurou sua vida literária na revista *O Saco*, por intermédio da qual publicou contos. É, reconhecidamente, um dos principais membros fundadores do Grupo *Siriará*<sup>2</sup>. Estre-

---

<sup>1</sup> Também já redigiu artigos científicos em sua subárea de atuação profissional.

<sup>2</sup> Movimento de cunho eminentemente literário, ocorrido no final da década de setenta, com o fito de promover uma nova geração de artistas, em especial os literários. Em termos ideológicos, não houve a adesão a nenhuma tendência político-partidária de modo sectário. O evento vitrine escolhido para a divulgação das pretensões do grupo foi a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SPBC, 1979, sediada, então, pela Universidade Federal. À época, aqui, estiveram presentes intelectuais de renome nacional, como Darcy Ribeiro, Celso Furtado e Roberto da Matta. Outros membros do referido grupo são o cineasta Rosemberg Cariri, o dramaturgo Oswaldo Barroso, os escritores Rogaciano Leite Filho, Adriano Espinola e Carlos Emilio (Airton e esses três escritores são os idealizadores do *Siriará*), *inter alii*. O grupo rebelava-se, principalmente, contra o enquistamento dos quadros do grupo *Clá* nas posições

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ou, no gênero literário conto com o livro *O Grande Pânico* (Moderna, 1979); publicou *O Homem Não Chora* (Secretaria de Cultura do Estado, 1981) e *Alba Sanguínea*, (Edição do autor, 1983). Encontram-se inéditos *Os Bailarinos*, de contos, e *A Claridade Permitida*, de poesia. Escreveu as peças, já encenadas em Fortaleza, *O Ritual*, dramática, e *A família Silva*, cômica. Já integrou as seguintes coletâneas e antologias de poesias e contos: *Os Novos Poetas do Ceará III*, *Antologia da Nova Poesia Cearense*, *Verdeversos* e *10 Contistas Cearenses*. O autor também escreveu um livro de poemas, *Memória de Botequim*, (Secretaria de Cultura do Estado, 1979) e *Rogaciano Leite Filho, uma biografia* (Demócrito Rocha, 2001).

Em razão de a produção a ser analisada apresentar, de modo ostensivo, pela própria natureza do gênero de texto, muito vínculo com a personalidade do autor, convém apresentar dados biográficos mais detalhados. A opção por uma literatura mais subjetiva não é novidade entre grandes escritores nacionais. Manoel Bandeira e de José Lins do Rego, por exemplo, também escreveram com uma presença marcante de suas subjetividades. Os dois, inequivocamente, para a crítica em geral, apresentam, em verso e em prosa, respectivamente, uma literatura de cunho personalista, o que não lhes representa, de modo algum, demérito. Tampouco o representa para o Afrton Monte. Explorar sua subjetividade, em termos temáticos, contudo, não significa ausência de complexidade ou de diversidade de perspectivas de análise. Afinal, nenhuma personalidade é inteiramente unívoca e estável, conquanto haja traços identitários recorrentes. Isto é, a despeito da variabilidade comportamental e de pensamento, tais traços assinalam uma identidade relativa. Mesmo entre autores polifônicos há sempre a possibilidade de assinalar elementos de fundo, como em Fernando Pessoa e seus heterônimos e em um Dostoiévski e suas personagens que saltam dos livros.

A escolha do autor pela psiquiatria se deveu, segundo ele próprio, ao seu vínculo inconsciente, à época de graduando de Medicina, com doenças mais abstratas, não estritamente somáticas, palpá-

---

de destaque do cenário cultural local. Reclamava, portanto, um arejamento ideológico e estético da cultura cearense. A deflagração das reivindicações do grupo provocou a projeção local, nacional e até internacional de seus participantes.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

veis. Essa escolha estaria relacionada com a tendência, muito característica do autor, de interessar-se por questões e indivíduos problemáticos. Ele encontra afinidades, não sem motivo, entre os literatos<sup>3</sup> e os psicoenfermos: “*o doente mental é um escritor mal terminado, porque não tem controle sobre seu mundo inconsciente*”. Afirma seu fascínio por mundos imaginários, ou por indivíduos de comportamento pouco ortodoxo ou totalmente heterodoxo: o assim chamado *bas fond*, mundo da marginalidade de toda ordem. Não é à toa que, possivelmente, escolheu a psiquiatria, subárea da medicina que, segundo o autor, é estigmatizada no meio de seus colegas médicos.

A prática clínica diária, no entanto, não costuma ser objeto de exploração literária. Noutros termos, o autor não se vale de sua experiência psiquiátrica para o exercício da composição literária.

Monte tem vasta cultura literária, sem restrições culturais no meio ocidental europeu. Assim, na literatura francesa, tem como autores referência Balzac, André Gide; na literatura russa, Dostoiévski e Tolstói etc.<sup>4</sup> A lista é ampla.

Não professa nenhuma religião<sup>5</sup>. Proclama-se ateu. Tem como autores fundamentais para sua existência Freud e Marx.

Durante a década de setenta, filiou-se a movimentos de esquerda. Inclinava-se, então, para o socialismo de base trotskista. O socialismo mais utópico que se opunha ao de Stalin (o socialismo real). Integrou uma série de ações maoístas tais como: panfletagem em

---

<sup>3</sup> Muito embora fosse mais próprio referir os artistas em geral, não exclusivamente os escritores. Raro é encontrar artistas que não apresentem nenhum tipo de excentricidade ou comportamento desviante, ou mesmo psicopatológico.

<sup>4</sup> Essas informações sumárias se prestam a informar o leitor de que Airton Monte não é um médico que ocasionalmente escreve. Ele é um escritor, na medida em que, de algum modo, tem contato com a tradição literária ocidental. Tal epíteto, de escritor, é admitido, no meio literário, exclusivamente para aqueles que, à sua maneira, mostram sua filiação e conhecimento da assim chamada grande tradição literária ocidental. Não é, enfim, apenas um médico escritor, mas um escritor médico.

<sup>5</sup> A heterodoxia de Airton é, efetivamente, um traço recorrente, visto que declarou, entre amigos, que: “*se tivesse religião, optaria pela ubanda.*” (informação verbal). Essa religião, como se sabe, não é aceita pela sociedade em geral, tida como prática estranha aos rituais religiosos cristãos, tanto da igreja católica quanto de suas congêneres protestantes, a despeito do sincretismo religioso que caracteriza a cultura espiritualista brasileira.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

porta de fábrica; pichação de muros com palavras de ordem e convocações de resistência ao regime vigente; infiltração em organizações infanto-juvenis; promoção de agitações de rua; participação de passeatas; enfrentamento da polícia. Percebe-se que foi, efetivamente, um militante de esquerda engajado.

Como membro da geração da contracultura, absorveu influências das gerações *beatnik*<sup>6</sup> e hippie. Em razão disso, envolveu-se com experiências alucinógenas, com ações de militância política e até com práticas naturistas. Participava, portanto, da contracultura comportamental e ideologicamente. Compunham visões de mundo de oposição ao *establishment* do mundo ocidental. Principalmente ao *beau monde*, o mundo dos ricos. Por ser brasileiro, ele não apenas se opunha ao capitalismo e à sociedade burguesa em geral, mas à forma de organização do capitalismo entre nós durante as décadas de sessenta e setenta. Por causa das manifestações da contracultura, nesse período, início da segunda metade do séc. XX, os comportamentos tabu, nas sociedades ocidentais, estavam sofrendo forte abalo. A contracultura gerou, entre os jovens daquele período, grande liberalidade comportamental, inclusive sexual<sup>7</sup>. Grande parcela da juventude questionava praticamente tudo: alistamento militar, democracia representativa, liberalismo econômico, conservadorismo comportamental etc. Apareceram movimentos e manifestações individuais e comunitárias revolucionárias, como a tomada do poder em Cuba, em 1959, a Comuna de Paris, em 1968, o festival de Woodstock, em 1969, o show dos Rolling Stones, em dezembro de 1969, a luta pelos direitos civis das comunidades negras de Martin Luther King e Robert Kennedy, ambos assassinados em 1968. Além disso, em termos

---

<sup>6</sup> O termo *beatnik* foi cunhado por Herb Caen do *San Francisco Chronicle*, no dia 2 de Abril, de 1958, como um termo pejorativo, uma referência ao satélite russo Sputnik, cujas batidas seriam audíveis. Além disso, relacionou-se o termo a simpatizantes do comunismo, pró-comunistas. Esse termo fincou raízes e tornou-se um rótulo popular associado com um novo estereótipo de homens com cavanhaque e boina, tocando bumbos ao passo que as mulheres, vestidas de mini-saias, dançam. O estereótipo geral *beat* também deveu algo a alguns dos atores de cinema populares que se destacaram durante os primeiros anos da década de 50 (por exemplo, Marlon Brando e James Dean), que tinham imagens rebeldes, juvenis, aventurescas.

<sup>7</sup> A aparição da pílula anticoncepcional permitiu a radicalização do feminismo, que passou a reclamar mais e mais paridade entre os sexos. Pela primeira vez, a mulher tinha o controle sobre sua capacidade reprodutiva, independente da vontade do parceiro.

individuais, havia uma inumerável quantidade de celebridades da música pop de comportamento heterodoxo, com astros cabeludos e drogados, tais como Jimmy Hendrix, Janis Joplin, *The Doors*, *Beats* etc.

Para finalizar essa seção introdutória relativa à biografia do autor, é oportuno declarar que a sua principal utopia é uma espécie de anarquismo filosófico, regido pela liberdade de opinião, pela cultura responsável, pela ciência do respeito ao outro, em que, de algum modo, todos saibam o que fazer. Parece-nos que, à sua maneira, o autor já não se mostra tão propenso a contrariar o regime constituído em toda sua extensão, nem tampouco opor-se a todo e qualquer tipo de regramento. Significa dizer que o desencantamento da geração *hippie*<sup>8</sup> também afetou Airton. Que não pode ser considerado um *yuppie*<sup>9</sup>, os *ex-hippies* que se transformaram em grandes capitalistas,

---

<sup>8</sup> Durante a década de 60, a cultura *beatnik*, que rapidamente se expandiu, sofreu uma transformação: a "Geração Beat" deu lugar à Contracultura, que se fez acompanhar de uma mudança terminológica de *beatnik* para *hippie*. Muitos dos *beatniks* originais permaneceram participantes ativos, notadamente Allen Ginsberg, que se tornou um pilar do movimento pacifista. Os *Beats*, em geral, exerceram grande influência sobre os membros da nova 'contracultura', por exemplo, a amizade que se firmou entre Bob Dylan e Allen Ginsberg. Além das diferenças de estilo, havia algumas diferenças em termos sócio-políticos: os *beatniks* tendiam a ser apolíticos, mas os *hippies* se tornaram ativamente engajados em questões ligadas aos movimentos de direitos civis e ao movimento antiguerra. A tomada do poder em Cuba mudou o perfil *Beat*. Havia muitas pessoas pacifistas desiludidas com a retórica revolucionária marxista. Na época da vitória de Castro, isso teve de ser repensado. Nesse caso, a revolução se valera de métodos violentos e, à primeira análise, tais expedientes foram admitidos como positivos. Muita gente abandonou a conduta pacifista ou relevou práticas violentas para esse caso. Esse acontecimento gerou a impressão de que os jovens poderiam efetivamente alterar a ordem constituída.

<sup>9</sup> *Yuppie*, redução de *Young Urban Professional*, descreve um tipo regional, demograficamente definido, de indivíduo geralmente entre os vinte e os trinta. *Yuppies* tendem a conseguir empregos no setor de profissionais liberais, com rendas que os situam na classe média alta. O termo *Yuppie* apareceu em 1980, como um eco dos antigos *hippies* e *yippies*, os quais rejeitaram valores materialmente orientados da do mundo dos negócios.

O termo é frequentemente usado pejorativamente, com uma ênfase em acepções de *yuppies* como egoístas e supérfluos. De acordo com esse estereótipo, *yuppies* são mais conservadores do que a antecedente geração *hippie*. Dispensando causas sociais de seus apaixonados pais, os *yuppies* tendem a se ocupar estritamente com sua formação profissional. *Yuppies* tendem a valorizar bens materiais (especialmente bens de novas tendências tecnológicas) e também são tachados como indivíduos de mau-gosto ou inclinados a comprar bens caros simplesmente por serem caros, ou seja, o culto do poder econômico como forma de ostentar por amor à ostenta-

mas não manteve o mesmo ímpeto libertário. A despeito disso, sua disposição de contrariar a *mainstream* é inequívoca, mesmo com os novos assentamentos de cultura e contracultura. Dizemo-lo porque parte das reivindicações da contracultura já representam hoje um padrão cultural, v.g., uma maior paridade entre os gêneros masculino e feminino. Ainda assim, o autor não se encontra propenso a acatar a opinião em voga em círculos prestigiados (aversão à disciplina) ou populares (negação de apelos musicais ou teledramatúrgicos de base plebéia), ou a submeter-se ao juízo consensual ditado pela preferência da maioria, ou ainda a comprometer-se com o ideário do que se considera politicamente correto (refutação direta do igualitarismo entre homens e mulheres ultra-reivindicado pelas feministas e, em regra, aceite pelos homens hoje). Trata-se, em suma, de uma personalidade heterodoxamente complexa, com uma prontidão para opor-se a qualquer petrificação ou enrijecimento mental, os quais são geradores de simulacros perceptuais, incapazes de captar a multiplicidade e

---

ção. Em particular, isso pode se aplicar às suas ações, automóveis de luxo, artefatos tecnológicos, particularmente os mais avançados. O apetite permanente para a aquisição rápida desses bens não tem, necessariamente, causas bem-definidas. Em regra com pressa, "yuppies" podem procurar bens e serviços de conveniência. Dado que não dispõem de tempo, suas relações familiares podem tornar sua vida em família insustentável. Manter seu estilo de vida é mentalmente exaustivo. Por vezes, eles se mudam para longe de suas famílias, por razões profissionais. Esse estilo de vida de ritmo acelerado tem sido chamado de *rat race*.

Muito influenciados pelo ambiente corporativo competitivo, *yuppies* frequentemente valorizam esses comportamentos que eles consideram úteis para adquirir mobilidade ascendente e, por conseguinte, crescentes ganhos e status. Eles frequentemente levam seus valores da empresa para casa, para seus cônjuges e filhos.

<sup>9</sup> *Hippie* (ou às vezes 'hippy') é um termo originalmente usado para descrever parcela da juventude rebelde dos anos sessenta e setenta. Embora não represente um movimento cultural coeso com líderes e manifestos, os *hippies* expressaram seu desejo de mudança com estilos de vida nômades e comunitários, ao renunciar ao nacionalismo corporativo e à Guerra do Vietnã, ao aderirem a elementos de culturas religiosas não tradicionais e ao criticarem os valores da classe média ocidental. Essa crítica incluía considerar o governo paternalista, a indústria corporativa plutófila e invasiva, a moral tradicional era tida como equivocada e a guerra desumana. As estruturas e instituições que eles rejeitavam passaram a ser chamadas *the establishment*. *Hippie* também é usado, com uma acepção pejorativa, para descrever usuários de droga descuidados e cabeludos, independentemente de suas crenças sócio-políticas. O termo significava, para os padrões *beat*, referência depreciativa a alguém que não estivesse por dentro, ligado, que não fosse consciente ou esperto o suficiente para ser realmente 'hip'. Os conservadores da época usavam o termo *hippie* como um insulto contra jovens liberais. <http://www.reference.com/browse/wiki/Hippie>

a complexidade fenomênica da existência.

## ASPECTOS ESTRUTURAIS

### *Registro linguístico*

O tratamento da língua se condiciona às exigências do gênero e de seu entorno comunicacional. Em sendo assim, porque se trata de um jornal, suporte ou veículo para um público de massa, não necessariamente seletivo ou elitista, o registro das crônicas em geral, inclusive a literária, pode ser considerado culto<sup>10</sup>. Ao designarmos *culito*, temos em mente o enquadramento na seguinte tipologia:

1. em termos lexicais: mescla de itens lexicais mais técnicos e de referência precisa com itens gíriáticos, de extração popular;

2. em termos sintáticos: ausência de ruptura *sistemática*<sup>11</sup> das sintaxes de colocação, de regência e de concordância preconizadas pela gramática normativa.

---

<sup>10</sup> Culto na acepção provida pela sociolinguística, que postula como culto o usuário de nível superior. Os falantes com esse perfil educacional vetorizam os usos da língua. Esses falantes, a despeito da caracterização de cultos, não se valem exclusivamente de formas cultas no sentido *aristocrático* ou *aristotélico* da tradição gramatical de base litero-beletrista. Os cultos brasileiros se utilizam de formas gíriáticas e não obedecem, de forma rigorosa, aos padrões conservadores ditados por gramáticos aferrados a uma tradição de base de dados controversa, dada a ausência de uma metodologia criteriosa de aferição do comportamento dos fenômenos linguísticos em suas diferentes componentes. Nesse sentido, Monte pode ser, sociolinguisticamente, tido como culto, inteiramente em conformidade com as urgências de seus destinatários, que não têm a expectativa de leitura de textos demasiado sofisticados linguística (léxico hermetico ou sintaxe barroca) e tematicamente (temas distantes do universo referencial dos leitores de um jornal fortalezense). A ruptura sistemática o afastaria do trato linguístico intermediário característico de um jornal local e/ou nacional.

<sup>11</sup> Importante a ressalva, porque a prescrição gramatical se encontra, em relação a casos específicos de descrição da sintaxe do português brasileiro, em inteira dissonância com os usos linguísticos, inclusive os jornalísticos e literários. À guisa de ilustração, a sintaxe de colocação pronominal insiste em recomendar o uso *para-* ou *pangenerico* (para além e para todos os gêneros de textos) das regras de colocação dos clíticos pronominais, ignorando as preferências consagradas pelo uso. A ênclise, por exemplo, continua sendo obrigatória em início de oração ou período, a despeito de os usuários brasileiros, mesmo os literatos, terem outra prática de uso pronominal. Para não falar da mesóclise, ainda prescrita a despeito de seu desuso quase absoluto entre usuários cultos, em qualquer modalidade da língua.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Trata-se, pois, em termos sociolinguísticos, do usuário culto típico, em razão das considerações supra-apresentadas.

### **O gênero crônica**

A rigor, o nome de designação do gênero e o próprio gênero *crônica* apresentam múltipla referência e múltiplo tratamento estrutural e temático. As crônicas são, por conseguinte, multiformes e multitemáticas.

Um gênero de texto é marcado por características linguísticas, microtextuais e macrotextuais. As primeiras se referem às escolhas relativas à estrutura da língua, ou seja, aos procedimentos de ordem infratextual relativos às componentes fonética, morfológica, lexical e frasal. As características microtextuais são definidas por limites de âmbito textual estrutural. Os limites estruturais são a organização das partes do texto, a paragrafação, além das relações de coesão sequencial e referencial e coerência intratextual ou local. As características macrotextuais estão relacionadas ao suporte, isto é, ao veículo de circulação do texto e às exigências do suporte, como, a forma de ocupação da página, ou o tipo de destinatário<sup>12</sup>.

Assim, a crônica sofre restrições formais e temáticas em razão de seu veículo ser um jornal. Ainda em razão do suporte, o jornal, ela deve tratar de temas da ordem do dia, que interessem ou tenham a ver, de algum modo, com o conhecimento de mundo do público leitor de um dado jornal, de uma dada cidade, de um dado país, de uma cultura.

Conforme dissemos inicialmente, o termo *crônica*, ainda hoje, apresenta múltiplos referentes, porque não é empregue privativamente para designar as crônicas jornalísticas(esportivas, políticas ou econômicas) ou literárias(subtipo das jornalísticas). Como prova da vitalidade da polissemia, observem-se as explicações do verbete *crônica* do dicionário Houaiss:

---

<sup>12</sup> O cronista, portanto, é limitado pelo público-alvo, que determina, em termos relativos, a orientação abraçada pelo autor; pela orientação ideológica do jornal; pelo suporte (jornal) que veicula seus textos. Essas características macrotextuais são condicionantes das microtextuais e linguísticas.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- 1 História. compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo [Originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres; entretanto, grandes escritores a partir do s. XIX passam a cultivá-la, refletindo, com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc. do seu tempo em livros, jornais e folhetins. Obs.: cf. *anais, história, memórias* Ex.: a c. dos três primeiros reis de Portugal legitima suas respectivas doações e escrituras
  - 1.1 Derivação: por metonímia. m.q. *cronografia*
  - 1.2 Derivação: por metonímia. biografia de um soberano Ex.: Fernão Lopes na c. dos reis portugueses condena e discute muitas de suas ações
- 2 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: história, literatura. representação genealógica de uma família tida por nobre Ex.: data de 1431 a c. do condestável Nuno Álvares Pereira
- 3 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: história, literatura. relato objetivo e detalhado correspondente ao exercício de uma função, direção, gestão etc. Ex.: mais que relatório, Graciliano Ramos presenteia-nos com uma c. de sua prefeitura em Palmeiras dos Índios
- 4 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: jornalismo. coluna de periódicos, assinada, com notícias, comentários, algumas vezes críticos e polêmicos, em torno de atividades culturais (literatura, teatro, cinema etc.), de política, economia, divulgação científica, desportos etc., atualmente tb. abrangendo um noticiário social e mundano. Obs.: cf. *coluna*
  - 4.1 conjunto de matérias e estilo próprios de uma atividade ou tema Ex.: <a c. literária> <a c. policial> <a c. esportiva> <a c. política>
- 5 Rubrica: meios de comunicação. noticiário a respeito de fatos atuais Ex.: para uma grande maioria, somente a televisão faz a c. diária
  - 5.1 Derivação: por extensão de sentido. descrição dos principais acontecimentos de uma dada situação Ex.: o ataque terrorista resultou numa c. de tragédias
- 6 Rubrica: literatura. texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato
- 7 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: literatura. prosa ficcional, relato com personagens e circunstâncias alentadas, evoluindo com o tempo; romance Ex.: leu com enlevo a Crônica da casa assassinada
- 8 Derivação: por extensão de sentido. Uso: informal. história ou conjunto de boatos, rumores, notícias a respeito de algo ou alguém em determinada região ou lugar Ex.: era cada vez pior a c. que nos chegava sobre o candidato
- 9 Uso informal: espécie de biografia falada e, em regra, escandalosa Ex.:

### **Origem e desenvolvimento da crônica**

A palavra crônica origina-se do grego *chronikós* que, por sua vez, deriva de *chrónos* – tempo. Já em latim *chronica* designava, conforme nos diz Houaiss (1979) “lat. *chronica*, -órum 'relato de fatos em ordem temporal, narração de histórias segundo a ordem em que se sucedem no tempo', substv. do neutro pl. do adj. *chronicus*, a, um 'relativo a tempo.’” Nesse sentido, originalmente, crônica era um simplesmente um conjunto de relatos de um qualquer evento sucedido. Não havia, portanto, nenhuma relação com a produção escrita de cunho artístico, com que se identifica a crônica literária contemporânea.

A crítica nacional toma como ponto de partida do nascimento da crônica contemporânea a produção, em 1799, na França, de Julien-Louis Geoffroy<sup>13</sup>. Esse autor publicava, semanalmente, críticas a respeito de artes dramáticas no *Journal de Débats*.<sup>14</sup>

Ao longo do século XIX, o termo *crônica* passa a ter uma acepção vinculada à produção literário-jornalística, dado que o jornal constitui seu veículo de propagação.

### **Características pragmáticas e estruturais (linguísticas e textuais) da crônica literária**

As características pragmáticas (ligadas à situação de uso) são

---

<sup>13</sup> Julien Louis Geoffroy (1743-1814), crítico francês, nasceu em Rennes, 1743. Estudou em Paris. Ele, possivelmente, exerceu a função de professor de retórica na Faculdade Mazarín. Seu texto dramaturgic não conheceu representação cênica. Era um crítico ferino de Voltaire e angariou muitos inimigos. Era um monarquista entusiasmado, mas sua defesa pública da monarquia teria mais prejudicado que contribuído para a sobrevivência dessa forma de organização política. Durante o Terror, ocultou-se em Paris. Tentou revivescer um jornal de literatura, mas não funcionou. Assumiu, então, o folhetim dramático *Jornal de Debates*. Seu criticismo cáustico lhe proporcionou alguma notoriedade, conquanto efêmera. Morreu em Paris, em fevereiro de 1814.

<sup>14</sup> Machado de Assis também publicava, semanalmente, crônicas críticas a respeito da movimentação cultural carioca.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

determinantes das estruturais. Tratamos, inicialmente, de aspectos de ordem pragmática relativos ao gênero *crônica* em geral.

A crônica, em sentido lato, é, fundamentalmente, um texto para ser veiculado em jornais. O jornal, por natureza, é um suporte de informação de natureza diversificada, porque comporta diversos gêneros de texto, tais como necrológios, anúncios, artigos de opinião, reportagens, receitas, horóscopo e crônicas de toda ordem. A despeito de suas informações não serem necessariamente descartáveis, em razão da complexidade da elaboração de muitos dos textos dos gêneros mencionados, o jornal é tido como um suporte descartável, de durabilidade informacional relativa e/ou provisória. A crônica, principalmente a literária, reflete essa ambivalência da durabilidade informacional, isso porque, em tese, ao se pautar, preponderantemente, por assuntos da ordem do dia, teria existência breve. Essa provisoriedade é mais própria da crônica jornalística em geral, mas não necessariamente da crônica literária. As crônicas literárias produzidas não necessariamente desaparecem com a saída de circulação de assuntos do noticiário mais amplo. Isso porque muitos autores de crônicas, mormente as literárias, valem-se de suas produções diárias para compilações para a publicação de livros. Assim, a curtez da vida de uma crônica literária vai depender do destino que lhe conferir o seu autor, ainda que ela verse, prioritariamente, sobre tema que esteja sob os holofotes da mídia em geral.

O cronista literário não é, no entanto, um mero repórter de assuntos em foco. Se assim fosse, não haveria motivo para quadrar a crônica como gênero também artístico, visto que seria puramente informativa, não criativa. O cronista literário pode recorrer ao noticiário ou a fatos de toda natureza, mas sempre com sua criatividade e estilo pessoal. A personalidade da crônica literária suprime o caráter meramente informativo de uma reportagem ou de uma notícia jornalística *stricto sensu*.

O cronista literário é, por conseguinte, mais um poeta jornalista do que um jornalista poeta, porque seu tratamento do tema da ordem do dia, se houver, não se pretende friamente informativo, esivamente objetivo (algo que nem os próprios jornalistas, à revelia de sua própria vontade, também não sejam de todo).

A crônica, em geral, mas principalmente a literária, passou a

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ser, um amálgama de jornalismo e literatura. Os fatores pragmáticos ligados à ordem organizacional – a diagramação dos jornais e a necessidade de produção mais veloz – determinam o tratamento da língua. A simplicidade passa a ser regra, a observar um princípio funcionalista da língua de que quanto mais complexo um conteúdo mais língua ele reclama. Assim, a crônica tem de resumir, de forma personalista, o tema abordado, de tal modo que seu consumo seja de fácil apreensão, não cobrando do leitor reflexões mais demoradas.

Em termos de estruturação do foco, a crônica, em geral, costuma ser narrada em primeira pessoa. Em termos de extensão composicional, a crônica não é um texto longo. O cronista, portanto, apresenta uma visão personalista, sem pretensão de objetividade ou de obediência factual. A sua mundividência se exhibe sem censura. Naturalmente, a permanência de um cronista em um jornal também depende de fatores alheios à sua vontade, porque o jornal audita o desempenho do cronista, por meio do seu recebimento de cartas, de correspondências eletrônicas e outras formas de aferição de seu prestígio. Significa dizer que a dicção do cronista é livre, *pero no mucho*. A sua sensibilidade em lidar com temas de interesse da comunidade em que está inserido é crucial para sua sobrevivência em um jornal.

Admite-se que, no Brasil, o caráter subjetivo, lírico e fantasioso, da produção de crônicas literárias se tenha sobrepujado ao comentário documental e histórico de forma acentuada. Com efeito, há crônicas cujas temáticas não estão sequer associadas a algum acontecimento sob exploração midiática, em qualquer escala. A exploração de temas alheios ao noticiário ou ao cotidiano demonstra o quanto a crônica literária brasileira se desprende de sua motivação original. Isso não significa que não haja crônicas inteiramente presas a um acontecimento historicamente datado. O caráter *idiosincrático* da crônica literária não impede que explorem, de forma idiodocumental, temas noticiosos.

Um outro fator considerado determinante para a curtez da crônica (não estritamente a literária) e para seu registro simples é a chamada tacocracia<sup>15</sup> imposta pela sociedade industrial e pós-indus-

---

<sup>15</sup> Esse termo foi cunhado pelo filósofo e professor Sergio Cortella, do departamento de teologia da PUC-SP.

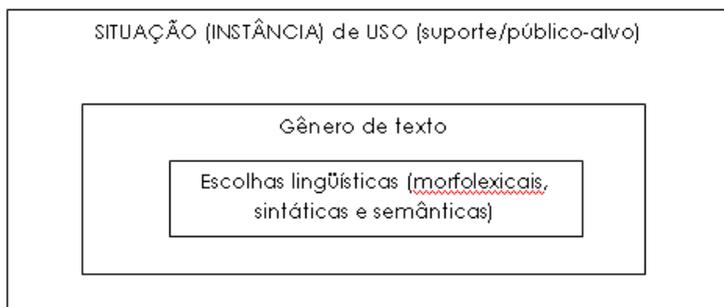
## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

trial. A velocidade domina a existência dos seres humanos de tal modo que, dificilmente, têm tempo para leituras mais longas.

Diversos escritores brasileiros de renome escreveram crônicas: José de Alencar, Machado de Assis, João do Rio, Alcântara Machado, Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos etc.

Ainda hoje há diversos escritores que desenvolvem esse gênero, publicando textos em jornais, revistas e *sites*, tais como o nosso Aírton Monte.

### **Esquema das principais características da crônica**



Em primeiro lugar, observe-se a subordinação de elementos textuais e linguísticos aos pragmáticos.

Moisés (1979) apresenta-nos alguns pontos importantes para caracterizar a crônica:

- 1) Quanto à **estrutura**:
  - a) ela é breve;
  - b) dialoga com o leitor;
  - c) o foco narrativo encontra-se, em regra, na 1ª pessoa do singular;
  - d) há sempre um ponto de vista, uma tomada de posição, ela jamais será impessoal.

2) Quanto à **linguagem**:

a) discurso direto;

b) de fácil compreensão e apreensão, ainda que se valha de procedimentos estilísticos característicos da produção literária em geral, como criação de palavras; rupturas de sintaxe de regência, de colocação ou de concordância; criação de tropos (metáforas e metonímias); inversões de toda ordem (não sistematicamente) etc.;

c) coloquialidade ou informalidade registradas por escolhas lexicais acessíveis ao grande público e uma sintaxe não subversora da ordem argumental preferida pelo leitor médio.

**(ESTE ARTIGO CONTINUARÁ NO PRÓXIMO NÚMERO)**